

A discussão sobre “Conceitos econômicos e economia colonial na época do capitalismo comercial (1500-1800)”, merece menção pela colocação de importância que faz: o relacionamento macro-micro-economia. Nêle Mauro propõe a micro-economia como subsidiária do estudo da macro-economia, possibilitando observar “como os mecanismos econômicos elementares se combinam para resultar em mecanismos estruturais diferentes, conforme os tipos de empresa, os países, a conjuntura” (p. 86).

Ainda em outro capítulo, “Contabilidade teórica e contabilidade prática na América portuguesa no século XVII”, êle insiste na importância da análise econômica, mostrando como através dela chega-se a atingir um problema de mentalidade (p. 147).

Ê, portanto, com base em uma exemplificação exaustiva, presa ao estudo da época do capitalismo comercial, tanto na Europa como no Novo Mundo, que o Autor demonstra a importância de se estabelecer a teoria econômica do período a ser estudado para compreendê-lo em outros níveis. Explica-se, assim, o capítulo “História ciência do abstrato”, definição que Mauro contrapõe a de Marc Bloch, “história ciência do concreto”, por ser o concreto o óbvio, portanto não carente de estudo.

A parte final do livro é dedicada ao estudo da história comparada de duas economias coloniais: Brasil e México. A finalidade dessa análise consiste em “definir melhor as civilizações e os sistemas” “com a ajuda de generalizações sucessivas” destacando “melhor a essência e a causa de certos fenômenos econômicos, sociais e geográficos do passado” (p. 241). O mesmo tipo de análise é observada em “Do ouro de Minas ao Café do Paraíba: Observações de História Comparada”, marcando também, êste estudo a incursão do Autor na história do século XIX.

Como conclusão a essa série de trabalhos, êle expõe a situação dos estudos históricos sobre a América Latina, enfatizando o desinteresse dos estudiosos franceses sobre a questão, desinteresse êste incompatível com os vínculos culturais existentes entre a cultura francesa e a sociedade latino-americana, especialmente no campo das ciências sociais. Tendo em vista incentivar êstes estudos, êle discorre sobre os recursos documentais que podem os historiadores franceses dispor na Europa, propondo ainda, com base em sua experiência de grande conhecedor da história econômica da época moderna, objetivos e temas para pesquisas.

Em suma, quer concordemos ou não com a totalidade das idéias propostas, o livro constitui material abundante para pensar-se uma renovação da historiografia brasileira, já que grande parte dêle é dedicada ao Brasil colonial e independente. Ê interessante ainda notar que esta obra constitui a 13ª da Coleção Debates, coleção esta que lançará brevemente (março de 1970), outro importante trabalho ligado ao estudo da história, ou seja, *História e Ideologia*, de Francisco Iglésias.

M. STELLA M. BRESCIANI

\* \* \*

\*

ISERLOH (E.) e MEYER (Harding). — *Lutero e luteranismo hoje*. Tradução de Breno Schumann. Petrópolis. Vozes. 1969. 112 páginas.

O pequeno artigo publicado originalmente na revista “Consilium” por E. Iserloh sob o título *Lutero tal como é hoje visto pelos católicos* e o ensaio *Lutero e*

*Luteranismo hoje*, de Harding Meyer, foram reunidos para formar o excelente volume que recebeu o título do segundo trabalho nele inserto. Excelente, sob todos os aspectos, pois, além de implicar numa verdadeira revisão do ponto-de-vista católico sobre a Reforma protestante do século XVI (a exemplo de outros trabalhos que já tem sido divulgados pela mesma editôra), implica, também, numa nova abordagem histórica em torno do importante movimento idéias, que cindiu o Cristianismo ocidental, uma cisão que, certamente, teria sido evitada se tivesse havido, na época, um pouco mais de compreensão de ambas as partes. Felizmente, caminha-se, agora, para essa compreensão, como o prova, principalmente, o terceiro capítulo do ensaio de Harding Meyer, intitulado “Evolução das opiniões acêrca de Lutero, na teologia e historiografia católico-romanas”. Constitui êste livro excelente complemento ao *Lutero visto pelos católicos*, de Johannes Hessen e ao *Lutero 450 anos depois...*, de Breno Schuman e Jerônimo Jerkovic, êste último editado, também, pela importante editôra petropolitana. Quanto ao primeiro, só é disponível em edição portuguesa (Coimbra, Armênio Amado, 1951, Coleção “Studium”).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\* \*  
\*

RODRIGUES (José Honório). — *Teoria da História do Brasil* (Introdução Metodológica). 3<sup>o</sup> edição. Coleção Brasileira. Série Grande Formato. Volume 11. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1969.

Essa nova edição da *Teoria da História do Brasil*, aparece com algumas modificações e novas informações, mantendo contudo, a estrutura da edição de 1957. A preocupação essencial da obra, já constante na 1<sup>o</sup> edição de 1949, mantém-se no estudo da história, seu ensino e método de pesquisa, constituindo portanto, uma tentativa de abranger os aspectos filosófico e metodológico da questão. O original de suas proposições é a aplicabilidade do conteúdo do livro, “tôda uma teoria e metodologia” ao estudo e pesquisa de história do Brasil.

José Honório Rodrigues é bastante categórico quando nega a possibilidade de um tratamento ingênuo do material histórico e esclarece, “a teoria da história do Brasil nasceu do desejo de colocar ao lado da problemática metodológica a problemática teórica, na convicção de que há sempre uma posição, consciente ou inconsciente, uma teoria, uma filosofia, assumida pelo historiador em face da história concreta” (pág. 440).

Seu trabalho, bastante conhecido pelos que se interessam pelos problemas da abordagem histórica, apresenta algumas colocações dignas de ênfase devido sua atualidade ineludível. Entre elas a da persistência “dos historiadores que conservam-se extremamente ligados à paixão da Europa histórica”, fornecendo em seus estudos uma visão distorcida do presente. Assim, “essa história europeizante nos conduz a confundir perigosamente a atual distribuição do poder e das forças que agem no mundo em que vivemos e nos inocula um falso senso de continuidade contra o qual a experiência se rebela” (págs. 29 e 30).

Explicitando seu ponto de vista, o Autor afirma que “a União Soviética e os Estados Unidos, os dois gigantes do poder, os dois construtores maiores da história presente e da criação do futuro, não recebem nas histórias gerais o tratamento equivalente, portanto, elas não nos estão preparando para a emergência do